

História e Identidade: um processo de construção 07/08/2002

Apresentação e composição da mesa

1h:16:54: vou passar a fala para o Marcus Vinícius, que vai falar sobre a contribuição do conselho para o crescimento da profissão.

1h:16:57: Boa noite para todos e todas. Queria cumprimentar o Ricardo, meu amigo pessoal de tantos anos, agora conduzindo aqui o Conselho Regional 04; cumprimentar todos os colegas da mesa, pessoas com as quais, de algum modo, pude compartilhar uma convivência muito afetuosas. E cumprimentando a todos esses, abraçar todos os amigos que fazem parte, estão presentes aqui hoje. Sempre voltar a Minas Gerais, no autoexílio voluntário que eu me impus há alguns anos, é um exílio na Bahia, não é tão grave, mas voltar à Minas Gerais é sempre, à Rua da Bahia, a visa é essa (risos). Voltar é sempre muito interessante e fica muito problemático, porque a sessão é uma sessão solene e eu fiquei pensando em como os afetos se comportam na solenidade. O que a gente pode fazer com os afetos, com as emoções diante da solenidade. Então eu vou tentar ser solene, incorporando os afetos todos que me mobilizam nesse momento.

1h:18:26: Queria pensar que esse é um momento de comemoração e comemorar é lembrar junto, é um ato coletivo de lembrança. De certa forma para nós ocidentais, e eu estou sempre nos meus esforços relativizadores, eu gosto sempre de pensar que existe “um” fora do ocidente, pensar que o ocidente é uma possibilidade civilizatória, uma possibilidade muito poderosa, mas apenas uma possibilidade. E para nós no ocidente, os atos de comemoração são atos que vão reduzindo o seu potencial de ritos de passagem. Nós sabemos por exemplo que os grupos culturais que estão fora desse ordenamento do simbólico, dos valores ocidentais, os ritos de passagem tem um efeito de produzir a expansão temporal que faz com que se produza a memória.

1h:19:40: E é muito interessante que, para nós do ocidente, nós criamos a história. E quando nós criamos a história como uma forma ordenada, organizada, sistematizada de registrar a memória, de certa forma nós ficamos menos dependentes desses rituais para que nós possamos gravar as mudanças que se processam ao longo do tempo. É uma pena, de certa forma, os nossos rituais vem empobrecidos desse sentido e dessa finalidade, que é a finalidade de registrar o que se passou, de guardar para todos uma memória.

1h:20:25: De todo modo estamos aqui para comemorar os 40 anos da profissão de psicólogos no Brasil. E nesse momento tenho que confessar também que, em relação a psicologia, tenho uma posição ambivalente, porque há mais de 14 anos me envolvi intensamente com o projeto profissional, de trabalhar por essa profissão. Entendo que a minha presença nessa mesa é merecida, mas é justificada talvez na busca pela representação de certo efeito ou de um certo momento geracional mais atualizado dessa luta, desse movimento de trabalho que se processa no interior dessa instituição que são os conselhos. Porque é importante a gente pensar que o registro (eu vi o Wilson hoje, conversamos muito. Amanhã vou fazer uma entrevista para o meu projeto de doutoramento com o Wilson, que foi meu professor, as coisas vão se

misturando de certa forma, elas não são tão separadas), mas de certa maneira nós temos que pensar que esse modo de registrar a história muitas vezes nos faz perder as perspectivas geracionais que são tão importantes.

1h:21:50: E quando nós falamos de uma história de 40 anos é mais grave ainda, porque os atores que fundaram o momento inicial dessa história estão presentes ainda. O Wilson se referia à boa presença do **Prof. Pedro Parafita Beça**, e de certa forma, outras gerações estiveram presentes em outros momentos. E cada um de nós certamente tem algo, um pedaço dessa história ainda registrado enquanto experiência e alguns se afastaram, eu vi aqui o Zé Geraldo, Eliana, que foram companheiros no primeiro momento em que estive nesse Conselho Regional de Psicologia e tive a honra de participar da diretoria nos anos de 1987-88 aqui no Conselho-04, fizemos parte da diretoria. E estava me lembrando que vim ao Conselho movido por um extremo incômodo, incômodo com a profissão que eu tinha, com o jeito que essa profissão aparecia para mim e para muitos colegas. É interessante, pois o meu movimento era um movimento reativo, eu vim na assembleia para protestar, para reclamar, para dizer: “olha, as coisas estão assim, as coisas não acontecem”. Eu sou capaz de perceber que muitos antes de mim se mobilizaram para fazer com que, aquilo que me parecia insuficiente fosse, naquele momento, um patamar atingido, um patamar que tem sido conquistado, que exigiu esforço, investimento por muitas pessoas.

1h:23:32: Mas este tipo de percepção creio que só um certo amadurecimento pode trazer, só a passagem do tempo pode nos trazer. Hoje é mais possível perceber que nós temos uma trajetória, que comemoramos, que é uma trajetória de 40 anos. Que é uma trajetória que foi uma construção de muitas pessoas; que é uma trajetória, uma construção que certamente que envolveu e mobilizou muitas pessoas, que creio que nesse momento estamos homenageando a todas elas. Todos aqueles precursores, pioneiros, e todos aqueles que, de certa forma, emprestaram em algum momento a sua energia, a sua disposição, o seu investimento para que esse momento pudesse ser comemorado com esta qualidade.

1h:24:32: Isso nos traz talvez algo sim, isso talvez, uma experiência nova, ou uma percepção nova desta experiência, que é a ideia de que existe algo que se processa numa dimensão da construção coletiva. Talvez seja esse elemento que seja o elemento diferencial que nós psicólogos brasileiros estejamos experimentando com mais intensidade o sabor nesses últimos anos, nesses últimos 8 anos talvez; a ideia de que existe um processo coletivo que constrói a nossa presença na sociedade; a ideia de que existe um processo coletivo que constrói a nossa expressão social e de que nós podemos viver esse processo um tanto inconscientemente, nas nossa individualidade, nas nossas atuações parceladas e individuais, ou nós podemos fazer um grande esforço para superar o parcelamento e criar essa ágora ao qual a Raquel se referiu no final da sua fala de um a forma tão interessante, fazer o espaço público onde se constrói, como um esforço de “conservação”, das vontades, um esforço de diálogo, de debate, entre os que fazem parte dessa profissão.

1h:26:05: Talvez o tempo que eu possa falar com mais clareza a partir da experiência ainda que nesse momento eu esteja me dedicando a estudar a questão da ideologia profissional dos psicólogos e mais especificamente o pensamento social dos psicólogos, mas talvez um tempo que eu pudesse falar não numa perspectiva acadêmica, mas nessa linha dos depoimentos,

fosse esse tempo, um tempo mais recente; um tempo que está marcado para nós como um momento em que, de certa forma, busca-se a construção dessa vontade coletiva.

1h:26:46: Hoje eu perguntava para o Wilson sobre um certo encontro profissional de psicólogos do primeiro e do segundo plenário do Conselho Federal, no documento aparecem diversas e sucessivas portaria, nomeia e renomeia uma comissão, agrega novas pessoas, e eu perguntava hoje para o Wilson: “Wilson, aquele evento que deveria ter acontecido, de 1978 - porque em umas das comissões aparecia o nome dele - aquele evento aconteceu, que era o ‘Encontro da Psicologia como profissão’, em 1978?” Aquele evento nunca aconteceu, Comissões foram nomeadas, intenções existiam, mas ele não aconteceu. Talvez ele não tenha acontecido porque nós não pudéssemos, naquele momento, fazer com que esse patamar fosse atingido.

1h:27:44: Para nós, nós temos no ano de 1989 um registro importante na história institucional da psicologia. Quero dizer para vocês também que um dos elementos do diagnóstico que orientou a minha participação pessoal e de outros colegas nesses últimos tempos no Conselho foi a percepção de que nós tínhamos uma psicologia que tinha crescido muito rapidamente, são 112000 psicólogos em 40 anos, há um crescimento numérico muito rápido. Mas, ao mesmo tempo, esse crescimento numérico não se fez acompanhar de um processo de institucionalização, de criação de instituições, de espaços de representação das nossas diversidades. Por isso eu vi o tema da identidade e pensava “nós vamos superá-lo muito rapidamente”, porque hoje talvez não seja o tema da identidade o tema que nos move, mas o tema da “unidade na diversidade”.

1h:28:45: E como nós podemos nos reconhecer como psicólogos apesar de sermos totalmente diversos um dos outros, e ainda assim, comparecermos a comemoração dos 40 anos da psicologia. Porque, se olho pra cá, reconheço algumas pessoas, sei o que pensam, o que fazem, mas existem aqui muitas psicologias certamente e elas estão todas juntas comemorando os 40 anos da psicologia. É possível estabelecermos uma dimensão de unidade a partir da diversidade. E talvez aquele enigma da identidade, que ainda até tomei como interesse porque esse enigma já foi muito mais poderoso; me lembro que nos anos 80, de 80 para 90, não se fazia nada na psicologia que não começasse pela discussão da identidade do psicólogo. Eu acho que nós estamos ficando “curados”, quer dizer, os enigmas tem que se dar a partir da análise e me parece que nós psicólogos estamos sendo capazes de produzirmos coletivamente elementos de análise que nos sustentam numa outra posição, numa outra condição, numa outra possibilidade.

1h:29:28: Quero crer que não fazemos isso apenas porque somos bem intencionados, quero crer que o neoliberalismo que a nossa amiga Raquel trouxe aqui com tanta adequação enquanto fenômeno, produz imediatamente um efeito que é o efeito de empobrecimento das classes médias urbanas. E isso atinge os psicólogos num dado momento, de uma forma muito decisiva. Isso é o esvaziamento dos consultórios. Por outro lado, ao modo dos coelhos, nos multiplicamos numericamente numa estalada que está sustentada certamente pelos interesses privatistas da educação, que cria cursos de psicologia a despeito de todas as lutas dos Conselhos, como se os cursos de psicologia fossem caramelos, como se pudessem ser produzidos infinitamente, porque é bom pra todo mundo, todo mundo gosta e vai consumir.

1h:30:52: E efetivamente isso traz um descompasso muito radical, muito grande, que é a existência de um grande número de profissionais, de sujeitos com habilitação para exercer a psicologia, ao mesmo tempo que aquele velho modelo que nós dominávamos, conhecíamos e, eu diria, nos sentíamos confortáveis, que é o modelo da clínica liberal, ele perde a potencialidade de alimentar tantas bocas. Isso nos traz de imediato a necessidade de que nós, psicólogos, mirando a questão da própria sobrevivência da profissão, que a profissão precisa ter um serviço que presta e ter uma remuneração por esse serviço, e isso nos produz um “empurrão” às fronteiras que nós nunca conhecemos, às fronteiras que sempre foram percebidas pela psicologia como mera paisagem. Estou me referindo a um conjunto de instituições que a sociedade sempre manteve, sempre estiveram ali, os cárceres brasileiros não são esse escândalo agora, os cárceres brasileiros sempre foram escandalosos; os manicômios brasileiros não são agora coisas abomináveis, os manicômios brasileiros sempre foram abomináveis. E as Febem’s sempre existiram. Há muitos anos que as crianças das classes populares e tem desvios em relação a lei são enviadas para esses lugares.

1h:32:22: Esses lugares nos precedem, há muito tempo esses lugares nos precedem. “Capitães de areia”, do Jorge Amado, é dos anos 40. Só pra gente pensar assim que esse negócio de “menino de rua” que parece um fenômeno, não, eles estavam lá na rua. O que é interessante é que nós psicólogos nesse momento, quando falamos desses lugares, nós temos o que dizer, porque nós fomos lá, nós estamos presentes. Eu posso dizer para vocês da área de saúde pública, porque entrei, aqui em Minas Gerais, em um concurso público de 1986, com mais 400 colegas acho, entramos, foi a grande entrada dos psicólogos através de concurso; tinha antes alguns que entravam, os pais, amigos eram deputados, passamos por essa fase, não sei se alguns se lembram, conseguir um emprego no Estado dependiam de relações pessoais, políticas, que garantissem posições. Não. Entramos numa grande leva. E é interessante esse movimento porque nunca tínhamos tido a universidade formação para exercer uma prática sanitária.

1h:33:30: E nós criamos uma prática sanitária, e eu digo hoje, sofisticada, muito interessante, pois os psicólogos, eu vou citar a **Sonia**, uma pioneiríssima desse movimento, e era “a” nossa psicóloga na saúde pública, a nossa expoente da psicologia na saúde pública, e nós criamos e construímos uma prática bastante importante. Eu vi aqui ainda há pouco a Simone, que coordena a política de saúde mental do Estado de Minas Gerais, e é interessante porque a primeira vez que o Jésus foi indicado para ser coordenador de saúde mental criou-se uma grande celeuma no campo, porque “como um psicólogo vai dirigir agora a saúde mental? Esse cargo é dos psiquiatras, só os psiquiatras podem dirigir”.

1h:34:26: então eu queria pensar com vocês que nós temos uma caminhada bem sucedida. A psicologia brasileira, no sentido da profissionalização, tem feito uma caminhada bem sucedida. Ela foi pressionada e está fazendo o seu acerto de contas com as fronteiras da exclusão. É óbvio que os Conselhos de Psicologia, sobretudo nesse último, na verdade, quando falo assim, é porque eu participo de um grupo que se chama “Pra cuidar da profissão”, que é um esforço coletivo de construção de uma tendência de pensamento da gestão estratégica das entidades de psicólogos. Talvez esse seja o elemento diferente, que hoje a nossa profissão não está mais ao sabor das ondas, ou sabor dos individualismos, ou sabor de efeitos absolutamente aleatórios, da coincidência de eventos. E o destino dessa profissão passou, a partir de um

esforço intencional, deliberado, muito militado para as necessidades certamente, passamos então a intervir mais conscientemente, mais intencionalmente na definição de que psicologia nós queremos, aonde nós queremos que a psicologia esteja, de que forma nós queremos que a psicologia esteja.

1h35:55: Então creio que ao comemorarmos, ao lembrarmos juntos aqui dos 40 anos da psicologia, devemos ter orgulho da caminhada que foi feita. Devemos reconhecer que é uma caminhada que foi construída a partir do esforço de muitos. E de que hoje a continuidade dessa caminhada depende de como nós continuemos a exercitarmos esse projeto de produzirmos definições que sejam sempre coletivas, que sejam sempre com esforços de garantir a participação de todas e todos, que sejam democráticas. Que as nossas entidades possam continuar a ser esse espaço de buscar convocar para a ágora, que a ágora possa ser a nossa chance, a nossa oportunidade de fazermos uma psicologia mais parecida com o que nós queremos que ela seja.

1h:37:02: só vou dar um dado para vocês que me impressiona muito: hoje, depois de um sonho que começamos a acalantar há muito tempo, temos uma coisa nesse país que se chama Fórum Nacional das Entidades de Psicologia. Que entidades nacionais da psicologia se reúnem mensalmente para negociar os interesses coletivos da psicologia e para produzir uma ação comum? Nós realizamos a Mostra “Psicologia e Compromisso Social”, tivemos 1600 trabalhos de psicólogos inscritos em estandes, mostrando que os psicólogos já trabalham na fronteira da exclusão, que criam metodologias, criam tecnologias. E agora vamos realizar o primeiro congresso em setembro “Psicologia: ciência e profissão”. Pasmem: temos 10000 psicólogos e estudantes inscritos para participar, e temos mais de 4000 trabalhos a serem apresentados. Isso indica vitalidade, isso indica força, isso indica que nós temos muitos motivos para nos orgulharmos da nossa profissão e continuarmos construindo-a nessa perspectiva do laço social, do compromisso social porque é assim que nós vamos ser valorizados e vamos ter motivos para continuarmos a ter comemorações como esta.